

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Entre dores e amores turbulentos, entre objetificações descaradas e transcendências das mais corajosas, corações ao alto: Marilyn Monroe está no meio de nós, a receber loas, ainda que póstumas pelos cem anos de seu nascimento. Norma Jeane Mortenson nasceu em 1º de junho de 1926, em Los Angeles, na Califórnia. A partir desta quarta-feira, o Grupo Estação lhe dedica uma mostra, numa retrospectiva de sua gloriosa odisseia por uma indústria que a mascou feito um chiclete, extraindo de sua alma o signo de esplendor feminino mais radiante que o cinema já viu.

Vai ter “O Pecado Mora ao Lado” (“The Seven Year Itch”, 1955); “Nunca Fui Santa” (“Bus Stop”, 1957); “Quanto Mais Quente Melhor” (“Some Like It Hot”, 1959), que será o longa de abre-alas do evento; “Adorável Pecadora” (“Let’s Make Love”, 1960); e outras delícias... tudo no complexo exibidor da Gávea, até o dia 3.

Filha de Gladys Pearl Baker, Norma Jean (aka Marilyn) passou a infância longe da estabilidade familiar. O pai biológico jamais foi oficialmente reconhecido, embora diferentes hipóteses de sua identidade tenham surgido ao longo das décadas. A mãe enfrentava graves crises psiquiátricas e foi internada repetidas vezes, o que levou a futura estrela a viver entre lares adotivos, casas de parentes e um orfanato. Ainda criança, Norma Jeane cresceu em bairros populares de Los Angeles e conviveu com uma sensação permanente de abandono que marcaria toda a sua trajetória pessoal. Ainda adolescente, casou-se com James Dougherty, aos 16 anos, numa tentativa de evitar o retorno ao sistema de acolhimento infantil. Muito desse calvário foi retrabalhado em “Blonde” (2022), do neozelandês Andrew Dominik, que valeu à cubana Ana de Armas uma indicação ao Oscar.

A entrada de Marilyn Monroe no cinema aconteceu depois de sua experiência como modelo fotográfica. Durante a Segunda Guerra Mundial, ela trabalhava numa fábrica de equipamentos militares quando foi descoberta por fotógrafos interessados em campanhas de propaganda patriótica. O sucesso das imagens abriu caminho para contratos como pin-up, como modelo publicitária. Em 1946, assinou seu primeiro acordo com a 20th Century Fox e adotou o nome artístico Marilyn Monroe, usando “Marilyn” em homenagem à atriz Marilyn Miller e “Monroe” como sobrenome herdado da mãe. Sua estreia oficial no cinema ocorreu



O Pecado Mora ao Lado (1955)

Quanto mais Marilyn Monroe, melhor!

No centenário da diva, o Grupo Estação faz do Net Gávea uma máquina do tempo para uma Hollywood que glamourizou, mas objetificou a estrela - hoje um signo da força feminina



Quanto Mais Quente Melhor (1959)



Só a Mulher Peca (1952)

em 1947, no filme “Dangerous Years”, em participação pequena, seguida por “Scudda Hoo! Scudda Hay!”. Pouco depois, perderia o contrato inicial, mas insistiu na carreira, passando a frequentar testes e produções menores até conquistar atenção em Hollywood.

A ascensão começou efetivamente no início dos anos 1950, quando apareceu em produções como “O Segredo das Joias” e “A Malvada”. O estúdio percebeu rapidamente o impacto de sua presença diante das câmeras e passou a transformá-la numa imagem-símbolo da sensualidade norte-

-americana. O cabelo platinado, a voz sussurrada e a construção da figura da “loira ingênua” (mas... quiçá fatal) ajudaram a criar uma das personas mais icônicas do século XX. Entre 1947 e 1961, Marilyn concluiu 29 filmes e tornou-se protagonista de boa parte deles, especialmente durante sua

fase de estrelato absoluto. Entre seus títulos mais célebres estão “Torrente de Paixão” (“Niagara”), “Os Homens Preferem as Louras” (“Gentlemen Prefer Blondes”), “Como Agarrar um Milionário” (“How to Marry a Millionaire”, “O Príncipe Encantado” (“The Prince and the Showgirl”) e o

Divulgação

Divulgação

Divulgação